

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO**

**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**Letícia Setsuco Ikenaga**

**CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA DO DISCIPLINAMENTO DOS  
CORPOS NA CRECHE**

**Sorocaba**

**2020**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Letícia Setsuco Ikenaga

**CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA DO DISCIPLINAMENTO DOS  
CORPOS NA CRECHE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba, como parte dos requisitos para a obtenção da formação plena em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba

2020

Ikenaga, Leticia Setsuco

CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA DO  
DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS NA CRECHE / Leticia Setsuco  
Ikenaga. -- 2020.  
41 f. : 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal de São  
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Banca examinadora: Ana Paula Ponce Ribeiro Germanos, Fabiana Aurora  
Colombo Garzella

Bibliografia

I. CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA DO  
DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS NA CRECHE . I. Orientador. II.  
Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 6979

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA SETSUCO IKENAGA

### CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DA CRIANÇA DO DISCIPLINAMENTO DOS CORPOS NA CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como exigência parcial para obtenção do título de  
Licenciada em Pedagogia pela Universidade  
Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Sorocaba, 26 de junho de 2020.

Orientadora:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Examinadora:

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Aurora Colombo Garzella

Examinadora:

  
Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Ana Paula Ponce Ribeiro Germanos

**DEDICATÓRIA**

*Às crianças que no dia a dia me fortalecem com sua demonstração de carinho,  
com abraços e sorrisos.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por iluminar meu caminho, me guiar e abençoar meus estudos.

Aos meus pais que sempre me deram apoio, carinho e segurança.

Aos meus colegas de turma da Pedagogia 014 que sempre estiveram comigo nessa trajetória: Helena, José Carlos, Ananda Gomes, Tatiane, Catarina, Jair e Thais.

Agradeço ao meu amigo Otávio, que me ajudou e incentivou nas horas em que eu mais precisei para que eu conseguisse terminar o trabalho.

Agradeço as contribuições acadêmicas e exemplo de todos os docentes que passaram nessa jornada da graduação.

Agradeço a minha querida orientadora Lucia Lombardi pela sua atenção, dedicação, e pela disponibilidade durante toda a orientação.

E a todos que contribuíram de alguma forma na realização deste trabalho, porque agradecer a alguns é com certeza esquecer-se de muitos.

## **EPÍGRAFE**

*A criança tem cem linguagens (e depois cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.*

*Loris Malaguzzi*

## RESUMO

Ikenaga, Letícia Setsuco. Consequências na vida da criança do disciplinamento dos corpos na creche. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2020.

O objeto da presente pesquisa, o disciplinamento dos corpos dos bebês na creche, surgiu durante as experiências de estágio em uma sala com bebês de dois anos de idade e também do trabalho como profissional da Educação Infantil. Nestes contextos foram observadas ações de disciplinamento e controle rígido dos corpos e dos movimentos dos bebês por parte das educadoras. Daí nasceu a questão-problema de pesquisa: Quais as consequências na vida da criança pequena do disciplinamento dos corpos na creche? O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é o Memorial, que reúne reflexões sobre a vida escolar e as experiências de campo na escola que levaram ao estudo do tema em questão. O segundo capítulo apresenta a metodologia que configurou uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico complementada pela análise de algumas experiências de campo. O terceiro capítulo apresenta o quadro teórico e as reflexões sobre as situações da rotina escolar que foram marcadas pelo disciplinamento, controle dos corpos dos bebês. Os resultados apontam para os prejuízos às crianças em relação ao seu desenvolvimento integral como consequência da exacerbação da escolarização de crianças pequenas, com imposições de posturas rígidas para seus corpos e da proibição do brincar, atividade mais importante nessa faixa etária, por meio da qual ela aprende e se desenvolve.

Palavras-chave: Corpo e Movimento. Educação Infantil. Primeira Infância.

## ABSTRACT

Ikenaga, Letícia Setsuco. Consequences on the child's life of disciplining bodies at the daycare center. 2020. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos Sorocaba *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2020.

The object of the present research, the disciplining of the babies' bodies in the daycare center, emerged during the internship experiences in a classroom with two-year-old babies and also from the professional work as a professional in Early Childhood Education. In those contexts were observed disciplinary actions and strict control of bodies and movements of babies by educators. So the research question-problem was born: What are the consequences in the life of the young child of disciplining the bodies in the nursery? The work is divided into three chapters. The first is the Memorial, which gathers reflections on school life and field experiences at school that led to the study of the subject in question. The second chapter presents a methodology that configures a qualitative research, of bibliographic character complemented by the analysis of some field experiences. The third chapter presents the theoretical framework and reflections on school routine situations that were marked by discipline, control of babies' bodies. The results point to losses for children in relation to their integral development as a consequence of the exacerbation of the schooling of young children, with impositions of rigid postures for their bodies and prohibition of playing, the most important activity in this age group, through which she learns and develops.

Keywords: Body and Movement. Early Childhood Education. Early Childhood.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – “ <i>O que me encanta na escola: lembranças felizes</i> ”. Fotografias digitais de algumas páginas do meu fanzine.....	03
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico na Scientific Electronic Library Online (SciELO).....	08
Tabela 2 – Levantamento bibliográfico Biblioteca UFSCar.....	09

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	01
<b>2. CAPÍTULO I. MEMORIAL</b> .....	02
<b>3. CAPÍTULO II. METODOLOGIA</b> .....	06
<b>4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO</b> .....	10
<b>4.1 O disciplinamento corporal</b> .....	10
4.1.1 Quadriculamento: cada um no seu lugar.....	12
4.1.2 Adestrar e vigiar os corpos.....	14
<b>4.2 O disciplinamento dos corpos dos bebês na creche</b> .....	19
4.2.1 Como acontece a opressão dos bebês.....	20
<b>4.3 Consequências do disciplinamento dos corpos na creche na vida da criança pequena: experiências de campo</b> .....	23
<b>5. Considerações Finais</b> .....	28
<b>6. Referências Bibliográficas</b> .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido “Consequências na vida das crianças do disciplinamento dos corpos na creche” foi resultado de reflexões sobre algumas situações que ocorrem nas creches, com relação ao disciplinamento e controle rígido dos movimentos e comportamentos dos bebês por parte das educadoras, na Educação Infantil que me fizeram repensar sobre o disciplinamento nas creches, e quais as consequências para estes bebês.

Ainda é muito presente uma concepção, apresentada por Iza e Mello (2009), de que as professoras parecem relacionar a habilidade de atenção com o “Não-Movimento”, ou seja, para que a criança aprenda, existe a ideia de que ela deva, necessariamente, estar sentada olhando para a professora e qualquer movimento fora disso pode ser um sinal de desatenção, culminando em uma repreensão. Portanto, acredito na necessidade de desconstruir essa ideia de controle dos corpos dos bebês na Educação Infantil, para que os bebês vivenciem o seu direito de infância, de maneira expressiva, criativa e sem imposições ou limitações de se movimentar.

Esse trabalho de conclusão de curso investigou, por meio de uma pesquisa bibliográfica, sobre as consequências na vida das crianças do disciplinamento dos corpos na creche. Para realizar esse propósito entendeu-se que era preciso contextualizar o histórico de disciplinamento dos corpos desde a idade média segundo Michel Foucault (2019), como ocorre o disciplinamento dos corpos dos bebês nas creches e suas implicações, e quais as consequências na vida da criança de acordo com os autores: Wiles e Ferrari (2020), Seabra e Moro (2005), Guimarães e Arenari (2018), Garanhani e Moro (2000), Guirra e Prodócimo (2010), Veríssimo e Fonseca (2003) e Iza e Mello (2003).

Para fins de organização, o presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro deles, “Memorial”, neste capítulo apresento minha vivência e minhas experiências atuando na escola e sobre o meu percurso acadêmico que me levaram a decidir sobre o meu objeto de estudo. O segundo capítulo “Metodologia” apresento os procedimentos metodológicos utilizados e descreve o contexto da pesquisa. Contém ainda as tabelas referentes ao levantamento bibliográfico nas bases de dados selecionadas. O terceiro capítulo é intitulado “Quadro teórico”, contendo os suportes teóricos que constituem o trabalho, apresentando os textos estudados e a edificação do tema desenvolvido, juntamente com a análise e reflexão das experiências de campo.

## 2. CAPÍTULO I. MEMORIAL.

Para este memorial acredito que seja importante relembrar momentos da minha trajetória pessoal e acadêmica para uma maior elucidação dos motivos dos quais me levaram ao tema abordado. Meu nome é Letícia Setsuco Ikenaga, nasci em Sorocaba/SP.

Na minha infância sempre brinquei muito. Lembro-me com muita alegria que brincava na rua, na praça perto de casa, juntamente com amigos da vizinhança. Sempre brincávamos até o anoitecer, criando e recriando brincadeiras e jogos.

Com relação à minha infância na escola não tenho claras recordações. Desde a primeira série foram dados jogos e brincadeiras direcionadas, como por exemplo, gincanas e jogos e técnicas de esportes como futebol, basquete, vôlei, entre outros. Tínhamos também brincadeiras como alerta, queimada, e como aquecimento das aulas fazíamos alongamento.

Em 2014 ingressei na UFSCar e já iniciei um estágio em um colégio de rede privada totalmente diferente da minha realidade e de concepção de ensino. Eu era estagiária de uma professora na sala de crianças de dois anos, porém houve um acontecimento na sala sobre uma criança ter deixado um objeto cair no chão, e de imediato momento ela segurou a criança e falou de forma ríspida que ela teria que tomar mais cuidado, chamando sua atenção, porém a criança pela forma da professora ter falado, ela começou a chorar, chegando a soluçar. Fiquei assustada e intrigada com a situação, de que acontecimentos como esse pudesse causar nas memórias dessa criança. E no fim, acabei ficando os dois anos de estágio no colégio.

Ao mesmo tempo em que estava estagiando nas escolas, as disciplinas da universidade me ajudaram bastante a entender como deveria ser uma educação básica de qualidade e que respeitasse os direitos da criança. Posso dizer que todos os professores (as) que passaram nesse percurso foram imprescindíveis na minha formação, mas as disciplinas que mais deixaram boas memórias e aprendizados foram “Educação Infantil”, “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte”.

A disciplina de Educação Infantil ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Walburga dos Santos me trouxe embasamento teórico sobre o que é Educação Infantil, as especificidades de crianças dessa faixa etária. Um livro que eu li e achei muito pertinente aplicá-lo nas escolas foi “A Paixão de Conhecer o Mundo” de Madalena

Freire (1983), e estudar educadores como Freinet, Loris Malaguzzi, que me fizeram enxergar o potencial que as crianças possuem.

Na disciplina “Metodologia do Ensino de Arte” ministrada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, tivemos uma aula voltada à produção de um fanzine, que tinha como temática nossa “identidade e processo de formação”. Lembro-me que tive muita dificuldade para contar uma história sem usar palavras, o que me desafiou a refletir.

Fiz um rascunho que falava sobre a profissão que escolhi, escrevendo muito, em vez de desenhar. A Lucia conversou comigo, me ajudando a “pensar com imagens” aquilo que eu só conseguia pensar com palavras. Ela conversou sobre a importância da palavra “encanto” que eu tinha usado no meu fanzine e me ajudou a encontrar imagens que pudessem ser significativas para mim neste sentido. Então, fiz o fanzine diretamente de guache, sem desenhar antes com lápis, o que me trouxe alegria no processo de realizá-lo, pois fui instigada a pensar e ser criativa não somente com base em uma única lógica de se contar uma história. Percebi que fazer o rascunho todo escrito foi uma coisa que me deixou triste, por lembrar o processo de sofrimento que existe na escola. E posso dizer sobre a importância da mediação da Lucia para que eu conseguisse desenvolver o fora proposto.

Fiz uma reflexão sobre mim mesma, do quanto não tive oportunidades durante a infância de experiências de exploração e de criatividade. Acredito que na escola regular não tive oportunidade de ter aulas de arte e expressão, e isso tem muitas consequências quando somos adultos, inclusive no trabalho que realizamos.



**Figura 1:** “O que me encanta na escola: lembranças felizes”. Fotografias digitais de algumas páginas do meu fanzine.

Outro acontecimento que me vem à memória é em relação a um relato que levei à disciplina de “Educação, Corpo e Movimento” para discussão, sobre uma situação do horário de saída das crianças. Uma professora de quem eu era auxiliar, que na hora da saída colocava todos os dias as crianças para sentar e assistir TV por mais de uma hora, com a exigência de que as crianças não se mexessem. As crianças tinham que assistir à TV sem se movimentar, sem conversar, sem dançar e isso me angustiava muito.

Quando ela saía da sala, eu deixava as crianças levantarem e dançarem, pularem, e com isso via em seus rostos que elas ficavam felizes, sorriam. Acredito que para uma educação efetiva é necessária a experimentação do corpo, do movimento, que faz parte integral do desenvolvimento, do processo de ensino-aprendizagem. Não é apenas no momento de sentar na cadeira e realizar atividades escritas que a criança aprende e se desenvolve, mas sim junto com o corpo, pois o corpo fala, transmite expressões. Para perceber isso, basta ter um olhar sensível para cada criança, já que cada uma tem sua especificidade, necessidade e particularidade.

Eu defendo a ideia do conhecimento do próprio corpo, do movimento espontâneo fazer parte do dia-a-dia das crianças, de enxergarmos que o aprendizado vai além do lápis e do papel. Que são necessárias as experiências, as descobertas, o despertar da criatividade, da imaginação.

Então, trago experiências que me marcaram no colégio privado e na creche onde atualmente trabalho como Auxiliar de Educação pela Prefeitura de Sorocaba, que são situações de professores “disciplinando” crianças de 0 a 3 anos, de maneira que limita a criança de se movimentar e expressar da maneira própria e espontânea, e que me fez despertar o desejo de refletir sobre essas atitudes.

A partir da realização desta pesquisa desejo construir conhecimentos para poder colaborar nessas situações, para que as crianças possam ter a liberdade de viver a infância com suas cem linguagens:

A criança  
é feita de cem.  
A criança tem cem mãos  
cem pensamentos  
Cem modos de pensar  
de jogar e de falar.  
Cem, sempre cem  
modos de escutar  
de maravilhar e de amar.  
Cem alegrias  
para cantar e compreender.

Cem mundos  
para descobrir.  
Cem mundos  
para inventar.  
Cem mundos  
para sonhar.  
A criança tem  
cem linguagens  
(e depois cem, cem, cem)  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura  
lhe separam a cabeça do corpo.  
Dizem-lhe:  
de pensar sem as mãos  
de fazer sem a cabeça  
de escutar e de não falar  
de compreender sem alegrias  
de amar e de maravilhar-se  
só na Páscoa e no Natal.  
Dizem-lhe:  
de descobrir um mundo que já existe  
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.  
Dizem-lhe:  
que o jogo e o trabalho  
a realidade e a fantasia  
a ciência e a imaginação  
o céu e a terra  
a razão e o sonho  
são coisas  
que não estão juntas.  
Dizem-lhe enfim:  
que as cem não existem.  
A criança diz:  
Ao contrário, as cem existem.  
Loris Malaguzzi

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como temática principal o disciplinamento dos corpos dos bebês na creche. A questão-problema do trabalho é: Quais as consequências do disciplinamento dos corpos na creche na vida da criança pequena? E para respondê-la, procuramos investigar o que é o disciplinamento corpo, com base em Michel Foucault (2019), e como acontece o disciplinamento dos corpos dos bebês na creche.

Além da leitura cuidadosa do livro “Vigiar e Punir” deste autor, também como primeira etapa do processo investigativo – a da revisão da literatura ou levantamento bibliográfico – identificamos na literatura disponível as contribuições científicas sobre o tema específico, consistindo em localizar o que já foi pesquisado em diversas fontes, confrontando seus resultados (MALHEIROS, 2011).

Assim sendo, a pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e com observação de campo. De acordo com Malheiros (2011) a pesquisa bibliográfica se caracteriza por identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico. Ela consiste em localizar o que já foi pesquisado em diversas fontes, confrontando seus resultados.

Considerando como essencial uma educação que se faça respeitosa com bebês e crianças pequenas, considerando o corpo e o movimento como formas importantes de expressão e construção de conhecimento na Educação Infantil, a metodologia envolveu também realizar observações de agosto até novembro de 2019, em uma creche municipal da cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, localizada no bairro de Aparecidinha. As observações foram realizadas e registradas em Diário de Campo durante quatro meses de meu período de trabalho como auxiliar de classe desta creche, em uma sala constituída por 18 bebês de dois anos de idade.

Foi durante aquela experiência que percebi modos de agir e gestos ríspidos por parte de algumas professoras no que tange ao que esperam que as crianças pequenas façam em determinados momentos da rotina, da forma como queriam que os bebês obedecessem a seus comandos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), o tipo de observação realizada foi a observação participante, pois consistiu na minha participação muito próxima, real como membros do grupo e como pesquisadora junto ao grupo, participando das atividades normais deste. Para Mann (1970, p. 96), a observação participante é uma "tentativa de

colocar o observador e o observado do mesmo lado, tomando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles".

Essas autoras mencionam que a observação participante é uma tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, sendo que a forma de observação foi a do tipo "natural", quando a pessoa que observa pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga.

Para poder realizar reflexões sobre o que observei nas escolas, foi utilizado o meu Diário de Campo (de 2019), como um instrumento de registro do processo de observação. A partir do seu conteúdo foi possível desenvolver análises. Como afirmou Madalena Freire (1983), o registro é a forma de deixar nossa marca no mundo, dando concretude ao pensamento e condições de voltar ao passado enquanto se está construindo o presente.

Os relatos e registros tratam da delicada relação entre ensino e descoberta, reafirmam a incrível capacidade de observação e de interação dos pequenos com o mundo em que vivem e firmam a convicção de que não há construção de conhecimento desligada de afetos, interesses e sentimentos. Portanto, a realização do registro e sua importância de reflexão e socialização para Freire (2005, p. 1) significa:

O registro da reflexão e sua socialização num grupo são 'fundadores da consciência' e assim sendo, sem risco de nos enganarmos, são também instrumentos para a construção de conhecimento. Nesse aprendizado permanente de escrever e socializar nossa reflexão valendo-nos do diálogo com outros, sedimenta-se a disciplina intelectual tão necessária a um educador pesquisador, estudioso do que faz e da fundamentação teórica que o inspira no seu ensinar. O registro é instrumento para a construção da competência desse profissional reflexivo, que recupera em si o papel de intelectual que faz ciência da educação.

Contudo, o registro possibilita aos educadores possuir um olhar reflexivo frente às práticas pedagógicas realizadas no cotidiano da vida escolar, sendo que para Freire (1996) o registro proporciona:

Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa.

Após a delimitação do problema de pesquisa e definição das palavras-chave, foram feitas buscas nas seguintes bases de dados: Scielo - Scientific Electronic Library Online, Thesaurus e biblioteca da UFSCar. As palavras-chave selecionadas para buscar

foram: corpo and bebê, creche and bebê, creche, trabalho corporal na educação infantil, creche e criança.

**TABELA 1 – Levantamento bibliográfico na Scientific Electronic Library Online (SciELO)**

<b>SciELO – Scientific Electronic Library Online</b>			
<b>Palavra-chave</b>	<b>Nº de referências encontradas no total</b>	<b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b>	<b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>
Corpo and bebê	22	1	WILES, Jamille Mateus; FERRARI, Andrea Gabriela. DO CUIDADO COM O BEBÊ AO CUIDADO COM O EDUCADOR. <b>Psicol. Esc. Educ.</b> , Maringá , v.24, e213976, 2020
Creche and bebê	26	1	SEABRA, Karla da Costa; MOURA, Maria Lucia Seidl de. Alimentação no ambiente de creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê. <b>Psicol. estud.</b> , Maringá , v. 10, n. 1, p. 77-86, Apr. 2005.
Creche	341	1	GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. <b>Educ. rev.</b> , Belo Horizonte, v. 34, e186909, 2018.
Corpo and criança	127		GARANHANI, Marynelma Camargo; MORO, Vera Luiza. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII. <b>Educ. rev.</b> , Curitiba, n. 16, p. 109-119, Dec. 2000.

Trabalho corporal na educação infantil	6	1	GUIRRA, Frederico Jorge Saad; PRODOCIMO, Elaine. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo?. <b>Motriz: rev. educ. fis. (Online)</b> , Rio Claro , v. 16, n. 3, p. 708-713, Sept. 2010
Creche e criança	114	1	VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo. <b>Rev. esc. enferm. USP</b> , São Paulo , v. 37, n. 2, p. 25-34, June 2003.

**TABELA 2 – Levantamento bibliográfico Biblioteca UFSCar**

<b>Biblioteca Digital UFSCar</b>			
<b>Palavra-chave</b>	<b>Nº de referências encontradas no total</b>	<b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b>	<b>Títulos selecionados</b>
Corpo e Creche	12,091	1	Iza, Dijnane Fernanda Vedovatto; Mello, Maria Aparecida. <b>Quietas e caladas: Reflexões sobre as atividades de Movimento com crianças na Educação Infantil.</b> Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2003.
Disciplina na creche	10909	0	

## 4. CAPÍTULO III. QUADRO TEÓRICO

### 4.1 O disciplinamento corporal

Michel Foucault (2019) é um autor que contribui para a compreensão dos processos de disciplinamento do corpo na escola. Para isso, ele inicia tratando das punições na Idade Média. Naquele tempo, as medidas de punições eram aplicadas diretamente no corpo físico, porém com o tempo os protestos a favor de uma maior humanização começaram a surgir. O Estado, então, precisou encontrar novas medidas de punir, com o objetivo de assegurar a melhor distribuição do poder de castigar e dando à punição e à repressão das ilegalidades um novo sentido e lugar na sociedade.

Perante esse processo de transformação dos métodos de punição, Foucault (2019) percebe que a punição ainda não se constituía como a forma mais sofisticada de poder; era preciso então que as relações de poder fossem aplicadas com outras técnicas e métodos mais eficientes e discretos. Porém, era preciso considerar a respeito das medidas punitivas que:

[...] mostrar que as medidas punitivas não são simplesmente mecanismos “punitivos” que permitem reprimir, impedir, excluir, suprimir: mas que elas estão ligadas a toda uma série de efeitos positivos e úteis que elas têm por encargo sustentar (e nesse sentido, se os castigos legais são feitos em compensação para manter os mecanismos punitivos e suas funções. (FOUCAULT, 2019 p.28)

Michel Foucault (2019), observou então o modelo de sociedade disciplinar, o qual situou-se entre os séculos XVIII e XIX, atingindo seu ápice no começo do século XX, época em que os sujeitos (soldados, alunos, trabalhadores) eram disciplinarizados com o intuito de que se tornassem dóceis e produtivos. Ou seja, a utilização da disciplina tinha por objetivo a readaptação e integração de “corpos dóceis” à sociedade. A concepção de corpo dócil é um corpo que pode ser submetido, ser utilizado e que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Durante a Época Clássica o corpo era considerado aquele que se manipula, modela-se, treina-se, obedece, responde, torna-se hábil, cujas forças se multiplicam.

Com relação à docilidade, que já existia antes mesmo do século XVIII, havia ainda interesse nessa questão, porém com novas técnicas aperfeiçoadas, que seriam a escala em primeiro lugar do controle, (não cuidar do corpo como um todo, como uma

única unidade, mas sim trabalhá-lo detalhadamente, ou seja de exercer uma coerção incessantemente), segundo: o objeto, em seguida do controle, (a eficácia dos movimentos, sua organização interna do que propriamente o comportamento ou a linguagem do corpo e por fim, a modalidade (consiste em uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado)

Esses métodos permitem o controle minucioso das operações do corpo e lhe impõem uma relação de docilidade – utilidade são o que podemos chamar as disciplinas. Contudo, as disciplinas tornaram-se fórmulas gerais de dominação.

Fazendo um paralelo do momento que surgem as disciplinas, podemos considerar que concomitantemente surgiram momentos em que a arte do corpo humano, que é a formação de uma relação que torna o corpo mais obediente, quanto é mais útil. Forma-se então uma Política de Coerções: que é um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos e comportamentos.

Contudo está nascendo uma “Anatomia Política” ou também “Mecânica do Poder” que define como se pode ter o domínio de outros corpos, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. As instituições começaram a moldar as pessoas como “Corpos dóceis” o que para Foucault significa:

É, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação.; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele esta preso num sistema de sujeição (onde a necessidade também é um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 2019 p.30)

Corpos dóceis na instituição escolar são segundo Guimarães e Arenari (2018) A imitação pelas crianças de gestos, ações, entonações, e demais comportamentos daqueles com quem convive vão impregnando o corpo delas, de modo que são pouco a pouco apropriados. Portanto, podemos considerar corpos submissos às regras e comportamentos dos adultos que convivem na realidade escolar.

#### **4.1.1 Quadriculamento: cada um no seu lugar**

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo, para que assim possa conhecer dominar e utilizar a disciplina. O espaço disciplinar origina-se em primeiro lugar com relação à distribuição dos indivíduos no espaço:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. (FOUCAULT, 2019 p.140)

Ou seja, importa estabelecer que cada indivíduo permaneça no seu devido lugar e evitar as distribuições em grupos para que se possa ter um maior controle disciplinar.

A disciplina individualiza os corpos pela localização que ocupa, sendo por uma disposição em filas, o lugar que alguém ocupa numa classificação, ou seja, em uma rede de relações.

A ordenação por fileiras, no século XVIII começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar, a classe se torna homogênea sob o controle do professor. O que acaba desconsiderando as singularidades dos indivíduos que possui em cada classe, tornando o espaço escolar não somente como um espaço de aprendizagem, mas também de vigiar, hierarquizar e de recompensar.

A disciplina exige o controle do horário, para assim garantir a qualidade do tempo, sendo ele utilizado de forma integralmente útil:

É expressamente proibido durante o trabalho divertir os companheiros com gestos ou de outra maneira, fazer qualquer brincadeira, comer, dormir, contar histórias e comédias [...] (FOUCAULT, 2019 p.148)

O controle do horário, é uma das variáveis para que uns possam se ajustar ao tempo de outros com o intuito de garantir a máxima quantidade de forças de cada um, para obter um ótimo resultado.

Outro ponto do controle disciplinar é a relação entre um gesto e a atitude global do corpo, sendo sua condição de eficácia e rapidez, tornando o corpo bem-disciplinado, sendo seu gesto eficiente. Essa relação exige eficácia e rapidez, ou seja, seguir ordens:

A única finalidade dessas ordens é [...] acostumar as crianças a executar rapidamente e bem as mesmas operações, diminuir tanto quanto possível pela celeridade a perda de tempo acarretada pela passagem de uma operação a outra (FOUCAULT, 2019, p. 152)

Na disciplina o corpo se torna um elemento que pode ser colocado, movido e articulado com outros, ou seja, constitui uma peça de uma máquina multissegmentar.

A relação do comportamento e exigência por parte de quem disciplina, com poucas palavras, fazendo-se entender por simples e mecânicos gestos, sinais, sem

questionar ou entender tal atitude, para que corresponda corretamente a resposta esperada, ou seja, isso significa:

O primeiro e principal uso do sinal é atrair de uma só vez todos os olhares dos escolares para o mestre e fazê-los ficar atentos ao que ele lhes quer comunicar. Assim, toda vez que este quiser chamar a atenção das crianças e fazer parar qualquer exercício, baterá uma vez. Um bom escolar, toda vez que ouvir o ruído do sinal, pensará ouvir a voz do mestre ou antes a voz de Deus mesmo que o chame pelo nome. Entrará então nos sentimentos do jovem Samuel, dizendo com ele no fundo de sua alma: Senhor, eis-me aqui. (FOUCAULT, 2019 p. 163)

Então, esse mecanismo de compreender o que se quer, por meio de poucas palavras ou gestos e até mesmo pelo silêncio, acaba se tornando automático para quem as executa, tornando as crianças cada vez mais obedientes e sem poder de argumentação/expressão e muito menos de uma explicação, pois o que importa é responder ao comando: “O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles.” (FOUCAULT, 2019), ou seja, a rotina escolar acaba sendo automatizada, sem a oportunidade de instigar e proporcionar as potencialidades de cada criança para o saber significativo que a cerca.

Temos também que considerar o controle dos comportamentos por meio das ordens verbais, que funcionam como sinalização do que deve ser feito:

Entrem em seus bancos. À palavra entrem, as crianças colocam com ruído a mão direita sobre a mesa e ao mesmo tempo passam a perna para dentro do banco; às palavras em seus bancos, eles passam a outra perna e se sentam diante das lousas [...] (FOUCAULT, 2019 p. 164)

Notam-se essas ordens praticamente a todo momento em que a criança está na escola. É preciso sentar “direito” para se alimentar, às vezes para brincar, realizar atividades, ou seja, quando as crianças não recebem ordens de como se sentar, automaticamente acabam sentando em linha, uma ao lado da outra, encostadas na parede. Podemos dizer que a disciplina produz corpos, a partir do controle que lhe é exercido, assim como explica Foucault:

A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. (FOUCAULT, 2019 p.165)

Portanto, o controle disciplinar fornece recursos para o aprimoramento das técnicas, aumentando suas utilidades, enraizadas em princípios de docilidade.

#### **4.1.2 Adestrar e vigiar os corpos**

Para Foucault (2019) existem três recursos para um eficiente adestramento: “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame.” (FOUCAULT, 2019, p.167)

##### **A vigilância hierárquica**

A vigilância hierárquica, segundo Foucault (2019) ela funciona como poder sobre o corpo alheio porque é possível perceber nas relações hierárquicas bem definidas, cuja ação é exercida por instituições que obrigam e coagem os indivíduos vigiados através do olhar. “O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (FOUCAULT, 2019, p.168)

Podemos considerar que as rotinas das escolas são constituídas de regras, normas e diversas ações disciplinares que determinam os corpos, rotinas essas concretizadas em tarefas específicas, distribuídas em espaços e tempos justificados como úteis pela instituição escolar, que posteriormente moldarão a própria vida social e institucional da criança: “O próprio edifício da escola devia ser um aparelho de vigiar;” (FOUCAULT 2019, p.170).

E também, as formas do poder do aparelho disciplinar, identificados na distribuição do espaço e no controle do tempo, age de maneira a conduzir os corpos a serem sujeitos de uma dominação externa, ou seja:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. (FOUCAULT, 2019 p.170)

O olhar hierárquico consiste na ideia da onipresença do superior, inclusive nos cantos mais escondidos da escola. O superior (e não só ele, mas também os seus representantes oficiais) tem consciência de que não poderá estar em todos os locais e espaços para cumprir o papel da vigilância; mas também considerar que a criança internalize a permanente vigilância, ele poderá acompanhá-lo onde quer o indivíduo

esteja, não de modo físico, mas incorporado no medo em que carrega, conforme Foucault:

Podemos considerar que o poder disciplinar na vigilância hierarquizada: organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto e baixo, mas também até certo ponto de baixo para cima e lateralmente. (FOUCAULT, 2019 p.174)

A vigilância organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo. O que permite ao poder disciplinar estar em toda parte e sempre alerta, e absolutamente “discreto”, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio.

### **A sanção normalizadora**

Ao mesmo tempo em que se olha se vigia também se pune. Um aparelho de micro penalidades se forma em torno do indivíduo sujeito às instituições disciplinares. O castigo pode ser leve, mas deve gerar efeitos, é mais moral que físico:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (FOUCAULT 2019, p. 175).

“Encontramos todos os alunos em formação, alinhamento, imobilidade e silêncio perfeitos”, (FOUCAULT, 2019 p.175) é assim que os educadores pretendem que as crianças sejam/estejam, e se um dos aspectos não corresponder ao esperado, é rotulado às crianças, de serem “bagunceiras”, desobedientes.

Verifica-se a todo o momento o desempenho dos indivíduos, procurando suprimir os seus desvios, recolocando-os em uma rota de normalidade. O tempo todo estamos sendo comparados com uma norma, um padrão, um paradigma.

Os efeitos das sanções normalizadoras se dão por etapas: primeiro é preciso comparar os indivíduos, avalia-los, olhar as anotações, suas observações ao longo do tempo; logo após é possível diferenciá-los de acordo com suas aptidões, medir e hierarquizar sua eficiência. Só então é possível coagir os que não se enquadram traçar limites entre o normal e o anormal. Diferenciar para catalogar segundo critérios homogêneos.

Para Foucault (2019), existem as micro penalidades que são formas de tornar penalizável os desvios de conduta exercidos na escola, no exército, que são: micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções da tarefa), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência).

Então, podemos considerar a sanção normalizadora como instrumento de internalização e normalização do castigo disciplinar:

Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las: [...] uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto. (FOUCAULT, 2019, p.175)

Contudo, para Foucault (2019) o professor deve ter o seguinte comportamento com relação aos castigos como forma de punição dentro das escolas:

Deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais frequentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (FOUCAULT, 2019 p.177)

Porém, alguns educadores deixam as crianças no cantinho da sala para pensar sobre o que fizeram quando faz algo de errado, o que é uma maneira considerada mais “sutil” de dizer que ela está de castigo. “Os aparelhos disciplinares hierarquizam, numa relação mútua, os “bons” e os “maus” indivíduos” (FOUCAULT, 2019 p.178) consequentemente os professores acabam “rotulando” as crianças e que acabam levando esses discursos para os anos seguintes, podendo a criança já sofrer um preconceito pelo seu modo de ser e agir.

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade, que é a regre, ele introduz como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. (FOUCAULT, 2019 p. 181)

Portanto, a disciplina homogeneiza e ao mesmo tempo individualiza, sendo possível analisar segundo Guimarães e Arenari (2018) a estruturação da creche, as organizações do tempo e do espaço individualizam ou padronizam situações de

cuidados físicos (alimentação, banho, sono), obscurecendo os sentidos que os bebês produzem nas relações entre eles.

### **O exame**

O exame é uma técnica central no regime disciplinar, já que funciona como controle normalizante, vigilância avaliativa, que permite organizar, separar, juntar e segmentar. É o ponto de avaliação em que o indivíduo precisa necessariamente passar evoluir na organização serial em que está incluído (por exemplo, a escola), ao mesmo tempo, é o ponto que distribui sanções àqueles que não alcançarem o resultado esperado pelos avaliadores.

As relações espalhadas através do exame fazem parecer que os mecanismos de avaliação das evoluções seriais são objetivos, coloca indivíduos em posição de fiscais, avaliadores, sempre hierarquicamente superiores aos avaliados, aos punidos. Permite constituir um saber na medida em recolhe os desviantes para um futuro trabalho de correção. Ou seja, o exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. (FOUCAULT, 2019)

Em síntese, o exame faz de cada indivíduo um caso, um registro geral, transformando-o num objeto documentável, capaz de ser vigiado, controlado e, por isso, se for preciso, passível de ser novamente adestrado, promovido ou excluído.

### **O Panoptismo**

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. A relação de poder sustentada pelo panóptico acontece sem a presença necessária do agente que a exerce. O dispositivo, com esse mecanismo de olhar permanente e anônimo, automatiza e descaracteriza o poder. A arquitetura do espaço do panóptico se define como:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos, estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (FOUCAULT, 2019, p. 192)

A arquitetura proporciona uma maior vigilância permanente, exaustiva, capaz de tornar tudo visível, mas ao mesmo tempo invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: olhares em toda parte, sempre alerta. Um exemplo desse tipo de controle: Entrou uma nova diretora na creche, e quando ela foi conhecer a estrutura da creche, soube que a sala da diretoria ficava em um canto do pátio, com apenas a visão da sala dos professores, e quando avistou a sala da secretaria que permitia a visão para os dois pátios, os dois corredores, uma parte da cozinha, que dava acesso à janela da porta de entrada de pais e alunos, ela decidiu que a sala dela iria mudar para a mesma, para que ela pudesse acompanhar, “vigiar” ao máximo a circulação dos profissionais e das crianças na creche.

Enfim, a disciplina tem que fazer funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, articulada do melhor modo sobre as outras funções dessas multiplicidades, e também o menos dispendiosamente possível: atendem a isso instrumentos de poder anônimos e coextensivos à multiplicidade que regimentam, como vigilância hierárquica, o registro contínuo, o julgamento e a classificação perpétuos. (FOUCAULT, 2019, p.212)

A escola se torna então pequenos observatórios sociais, que são espaços fechados, para exercer sobre os alunos um controle regular, onde os menores movimentos são controlados, onde todas as situações são registradas, com uma vigilância permanente, capaz de tornar tudo visível, mas ao mesmo tempo invisível.

Enfim, esse processo apresentado por Foucault (2019) está mais do que presente nas relações sociais das escolas, nas salas de aula. É preciso levar em consideração que as relações escolares devem ser vistas como um conjunto das relações de poder, que, em muitas vezes estão ocultos por outros tipos de preocupações que acabam impedindo o reconhecimento de técnicas disciplinares que possibilitam apenas o contexto escolar como ambiente de cumprimentos de regras.

## **4.2 O disciplinamento dos corpos dos bebês na creche**

A educação infantil é uma fase de suma importância na vida de uma criança. É o momento em que se iniciam suas primeiras relações da sua vida escolar, é necessário que os educadores garantam que, ela seja respeitada em seus direitos e em suas singularidades. Segundo Guirra e Prodócimo (2010) garantir o respeito a essa particularidade, é o papel da escola e de todos os envolvidos nesse contexto, o trato com o movimento e o trabalho corporal devem ser uma questão coletiva, permitindo o

desenvolvimento das manifestações espontâneas da criança, pois acreditamos que na educação infantil tudo se dá de forma indissociável, principalmente, porque o corpo traz consigo, características e significações sociais próprias, conforme explica Galvão:

Na infância é ainda mais pronunciado o papel do movimento na percepção. A criança reage corporalmente aos estímulos exteriores, adotando posturas ou expressões isto é, atitudes, de acordo com as sensações experimentadas em cada situação. (GALVÃO, 2000, p. 72)

Para Guirra e Prodócimo (2010) falar em educação integral, sem pensar em movimento e trabalho corporal, é desprezar um importante instrumento de aprendizado que possuímos o corpo. Portanto é importante estudarmos como se dá a escolarização do corpo da criança segundo Garanhan e Moro (2000) como forma de expressão que permite a manifestação e o desenvolvimento do pensamento na infância.

O corpo dos bebês na educação infantil segundo Guirra e Prodócimo (2010) se constitui em um importante instrumento de mediação entre a criança e o contexto em que ela vive, como forma de linguagem e de trocas de experiências; manifesta-se, também, em dependência do lugar onde se desenvolve e dos estímulos que recebe. Além do corpo como instrumento de expressividade, também é levado em conta segundo Guimarães e Arenari (2018) o envolvimento dos bebês na corrente dialógica presente em seus contextos permite que eles se coloquem, seja com gestos ou palavras, afirmando-se como sujeitos participantes, ativos e autores das situações compartilhadas, portanto manifesta-se, também, em dependência do lugar onde se desenvolve e dos estímulos que recebe.

#### **4.2.1 Como acontece a opressão dos bebês**

A infância é uma etapa da vida em que os bebês estão em formação, portanto, os educadores precisam compreender a expressividade, as emoções, os gestos, os movimentos, ou seja, os significados do corpo infantil de modo a realizar uma educação para a autonomia e pensar segundo Guimarães e Arenari (2018) o planejamento de espaços e tempos como mobilizadores das ações das crianças, na contramão de práticas adultocêntricas, a partir da ação direta do professor.

Os profissionais da educação que atuam com as crianças pequenas precisam efetuar constantes reflexões sobre suas práticas pedagógicas, pois normalmente segundo Cole (1996), os adultos, de acordo com a cultura em que estão inseridos, recebem a

criança com expectativas, concepções e práticas que vão organizar colocar limites e/ou facilitar seu desenvolvimento. Visto que, para Seabra e Moura (2005) os adultos costumam limitar determinadas ações infantis no momento das refeições e promover outras de acordo com a concepção cultural que têm de crianças e do seu próprio papel como cuidador. Contudo, pensar as reflexões dos educadores de bebês segundo Wiles e Ferrari é preciso levar em consideração:

Portanto, ao se considerar que o educador – juntamente com os pais – tenha como função subjetivar o bebê, através de seus cuidados, sendo assim um importante partícipe de seu processo constitutivo, torna-se importante a reflexão sobre possibilidades de cuidado e sustentação de sua função, assim como a escuta dos impasses vivenciados em seu trabalho. (WILES & FERRARI, 2020, p.03)

Não somente os educadores podem limitar as ações dos bebês como também a utilização de certos artefatos que, segundo Seabra e Moura (2005), restringem os movimentos do bebê para facilitar aos adultos controlarem seu acesso ao ambiente, quais objetos estarão ao seu alcance, limitando sua liberdade de ação.

A ideia de manter as crianças quietas e sentadas é muito recorrente, incentivando o que Iza e Mello denominam de “Não-Movimento”. Segundo Iza e Mello (2009) parece haver a ideia de que o aprendizado se dá a partir do controle do movimento das crianças. A manutenção das crianças em situação de Não-Movimento, de acordo com essas autoras, se baseia na concepção que algumas educadoras têm de que seja necessário manter as crianças quietas e caladas, como se essa fosse a única maneira de aprender. Isto deve ser discutido de maneira mais ampla na formação docente, já que a criança pequena utiliza principalmente do movimento, das explorações e gestos para se expressar. Oliveira (2019) também observou que os corpos infantis, tolhidos em sua expressividade e movimentos, são docilizados na escola, por se acreditar que para que haja aprendizagem é preciso sempre o silêncio, a imobilidade e uma suposta seriedade.

Porém temos que considerar que o controle dos movimentos para a realização das atividades é uma aprendizagem gradual e devagar. Já que a criança pequena utiliza-se, principalmente, de gestos para se expressar e “a redução da motricidade exterior e o ajustamento progressivo do movimento ao mundo físico está ligada também à possibilidade de controle voluntário sobre o ato motor” (GALVÃO, 2000, p. 75).

Porém, nessa faixa etária, de crianças de 0 a 3 anos, possuem uma necessidade instintiva de se movimentar e do auxílio do outro, como nos diz Hank (2006, p. 4): “A criança desde o nascimento necessita da mediação do outro para se desenvolver,

portanto o meio sozinho não dá conta de desenvolvê-lo e é aí que entra o papel do educador e dos colegas através das relações”.

Podemos considerar que o movimento para os bebês permitem que elas segundo Guirra e Prodócimo (2010) arrisquem, experimentem, acertem e errem, pela atividade prática, sem que isso provoque constrangimento, mas desenvolva nas crianças uma percepção dos recursos corporais de que dispõe.

Os momentos de cuidado corporal são relevantes na relação de começar a humanização dos bebês e às possibilidades dialógicas e afetivas, segundo Guimarães e Arenari (2018) as emoções, compreendidas como manifestações corporais (choros, expressões viscerais, etc.) afetam o outro que se relaciona com o bebê, produzem ressonância e também são significadas no meio humano, tornando-se modo de comunicação social. Trocas de atenção, olho no olho, respostas aos movimentos expressivos constituem o desenvolvimento de cada um dos bebês e colocam-se como ações docentes intencionais centrais no cotidiano da creche. Barbosa (2010) propõe que na creche o que se define como pedagógico não é vivido apenas através de propostas de atividades dirigidas, mas principalmente na imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma história, uma vida coletiva significativa.

No acompanhamento de educadoras e bebês em berçários, percebemos que muitas vezes a pressa e a pressão no trabalho das profissionais fazia com que muitos momentos essenciais ficassem despercebidos (WILES e FERRARI, 2020), por isso, momentos como banho, alimentação, sono, não são somente atividades de rotina, mas são nesses momentos em que mais precisamos repensar nossas ações com os pequenos, pois muitas vezes nossas atitudes acabam se tornando automatizadas. Porém, essa relação entre o educador e o bebê tem que ocorrer segundo Veríssimo e Fonseca (2003) sem autoritarismo ou imposições.

Então, é preciso pensar que a creche é o lugar onde as relações fraternas, de solidariedade, de comprometimento, de ajuda ao outro, de se importar com o outro, aconteça, conforme Guimarães e Arenari (2018) coloca: trocas de atenção, olho no olho, respostas aos movimentos expressivos constituem o desenvolvimento de cada um dos bebês e colocam-se como ações docentes intencionais centrais no cotidiano da creche.

O diálogo para os bebês não é realizado somente por palavras, mas sim como afirmam Guimarães e Arenari (2018), o diálogo acontece por meio do corpo que comunica suas emoções de modos variados, as demandas da rotina, a relação que se

alterna entre o individual e o coletivo configuram desafios postos para pensar o trabalho pedagógico com as crianças pequenas.

Precisamos de profissionais da educação que respeitem os tempos e ritmos dos bebês e crianças pequenas, pensando que a base do planejamento não são somente as atividades dirigidas, mas relacionamentos intensos entre todos aqueles que compõem determinada comunidade de educação. Portanto, podemos considerar segundo Oliveira (2019) que o poder de um/a professor/a numa sala de aula não se dá pelo controle das crianças, no sentido de torná-las obedientes e/ou quietas, mas se dá pela capacidade, conquistada através do estudo de teorias, práticas, metodologias e didáticas, de conduzir as/os estudantes ao encontro do conhecimento.

O papel do educador é permitir que as crianças explorem, experimentem, e sintam o mundo desde o nascimento. Segundo Guimarães e Arenari (2018) os adultos ocupam um lugar de referência ou ponte para a construção de novas formas de atuação por parte da própria criança, que vive o coletivo como engrandecimento de suas possibilidades.

As crianças fazem seu descobrimento do mundo e das pessoas por meio do contato físico e de suas ações. Por este motivo, é muito importante encorajá-las a sentir e a entender sua corporeidade em uma relação com o meio e com o mundo, mesmo na relação dos bebês Guimarães e Arenari (2018) dizem:

Na ausência da fala do bebê como linguagem para compartilhar essas sensações, o meio onde ele está inserido vai dando contornos às manifestações corporais emocionais; isto é, são os outros que presenciam e compartilham com o bebê os momentos expressivos que respondem corporalmente (com a fala e os gestos), dão sentidos, afetam e são afetados pelo bebê no contexto interativo (GUIMARÃES e ARENARI, 2018 p. 15).

Elas percebem os sentidos, captam, recebem os sons, sentem os cheiros e sabores por meio de seus corpos, já que segundo Guimarães e Arenari (2018), a intencionalidade expressiva do bebê constitui-se nestas interações pelas quais ele responde e é também respondido. Não queremos que as nossas crianças contentem-se, conformem-se com pouco ou quase nada, já que não tiveram mais por falta de oportunidades; também não queremos que elas sejam passivas diante do mundo, já que não puderam provar o sabor de conhecer os bens da humanidade, fazendo assim, suas escolhas. Queremos, sim, que as crianças pequenas possam passar por várias e ricas experiências (TRISTÃO, 2004).

Portanto, é apenas conhecendo criança, respeitando suas singularidades, que os educadores poderão saber o que toca e o que transforma cada um deles e o que consiste em experiência para cada um dos bebês:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Com isso, é possível fazer uma crítica ao modelo de educação vigente, no qual todos devem seguir os mesmos tempos, nos mesmos espaços, seguindo a lógica do consenso que tenta homogeneizar as crianças, desconsiderando a pluralidade e a diferença. Podemos dizer que uma criança que conhece a si mesma e ao seu corpo, adquire domínio sobre seus movimentos e em sua relação com o mundo que a cerca.

#### **4.3 Consequências do disciplinamento dos corpos na creche na vida da criança pequena: experiências de campo**

Durante minhas experiências em campo foram percebidas algumas situações da rotina escolar que foram marcadas pelo disciplinamento e controle dos corpos dos bebês na creche, o que configura um problema, segundo Iza e Mello (2009), de exacerbação da escolarização da criança pequena, que reflete uma imposição de posturas e movimentos aos seus corpos, impedindo-as de brincar, que é a atividade mais importante nessa faixa etária pois, por meio dela, a criança aprende e se desenvolve.

É característico da escola ter horários demarcados, regras próprias para “vencer” os conteúdos programados, antecipar etapas para aprender os rituais e conhecimentos tradicionalmente destinados àqueles que frequentam o Ensino Fundamental, diminuir o tempo do brincar, do parque, impedindo a brincadeira livre, a interação com colegas e brinquedos ao ar livre. Dentre outras situações, estas são algumas que levam um tipo de Educação Infantil que se pratica a ser definido como sendo “escolarizante” (PRUDÊNCIO, 2012).

Contudo, as crianças que estão vivenciando essa rotina “escolarizante” acabam compreendendo, segundo Oliveira (2019) que há alguém no “comando”. Ao entrar na sala de aula já fica claro quem “manda” e quem “obedece”. A própria escola já prepara todo o seu itinerário e plano de ensino pedagógico para que o aluno se “enquadre” no seu lugar nessa relação de poder.

Ao realizar observações de campo com processo de coleta dos dados e registro da realidade escolar em uma instituição de Educação Infantil, Prudêncio (2012) verificou indícios que revelam um enfoque escolarizante na prática educativa docente com as crianças. De acordo com essa autora, um dos principais fatos que condizem com esta questão está na constante necessidade de aproximar a rotina e as atividades das crianças com o sincronismo que é próprio do Ensino Fundamental. Ela identificou mecanismos presentes na sala de aula que representam uma possível antecipação da escolarização dos pequenos. Elementos que revelam uma concepção de educação infantil limitada, na qual se reduz a vivência da criança na escola aos rituais tradicionais de escolarização. Assim, conforme afirma Prudêncio (2012, p. 12):

... o tempo da criança viver sua infância acaba sendo suprimido. Um dos primeiros indícios de que a classe observada apresentava um processo de escolarização precoce estava no fato de que o brincar e as situações de brincadeiras eram poucas. As atividades propostas, por conta da diretividade, da necessidade de cumprir prazos, de dividir os tempos da criança na escola, acabavam por apresentar pouco espaço para o ato de brincar, para a interação, para a invenção e a construção de situações pelas próprias crianças.

Em termos de consequências do disciplinamento e controle dos corpos e dos movimentos, Prudêncio (2012) verificou que a falta de oportunizar às crianças ações que lhes permitam desafiar, criar, explorar espaços, movimentar-se, faz com que as crianças muitas vezes acabem condicionadas. Atividades com intenção de fazer as crianças repetirem conteúdos, sem ludicidade, sem alegria, deixando de lado o brincar, causam desmotivação e engessamento da inteligência dos pequenos, reduzindo o educar a um enfoque escolarizante, isto é, de antecipação da escolarização dos pequenos, que ignora as muitas possibilidades do mundo infantil. Outra consequência com relação à escolarização a se considerar segundo Prudêncio (2012) é a de que o enfoque escolarizante ou de promoção para o ensino fundamental nesse período acaba por deixar de lado aspectos fundamentais no atendimento às crianças durante a infância: cuidado e educação.

Uma questão importante é trazer o assunto para a formação de professores como dizem Garanhan e Moro (2000). Conhecimentos e discussões que priorizem a educação

do corpo na educação da infância devem estar presentes na formação dos educadores, proporcionando-lhes condições de compreender a expressividade, as emoções, os gestos, os movimentos, ou seja, os significados do corpo infantil. Isto porquê, existem educadores que são resistentes às mudanças e à compreensão da importância do movimento da criança, como está descrita na cena registrada em meu Diário de Campo:

Conversei com uma auxiliar que tenho mais afinidade sobre a utilização das filas, e ela me questionou sobre como ela poderia fazer para as crianças se locomoverem, e dei a ideia de irem de mãos dadas com outras crianças, ou fazendo alguma brincadeira, para que pudessem ter a autonomia de andar sem ser aquela forma controladora de uma fila. A resposta dela foi positiva, falou que tentaria, porém, na sala onde ela trabalha tem uma auxiliar que exige a fila, afirmando que sem a fila fica uma bagunça, eles vão “fugir”, vão perder o controle das crianças, então por mais que uma tivesse a intenção de mudar, foi prevalecido a ordem da outra auxiliar, para que não causasse atrito entre elas, já que são da mesma sala. (Diário de Campo – Letícia Setsuco Ikenaga – Agosto/2019)

A partir desse relato podemos concluir que a visão que alguns/algumas educadores/as têm ainda é, de acordo com Oliveira (2019), de que um “bom professor” é aquele que mantém a classe “controlada”, que consegue manter o silêncio. É preciso desconstruir essa ideia e construir uma concepção do movimento na Educação Infantil como forma de aprender. Para Iza e Mello (2009) é importante que a criança seja incentivada a realizar movimentos diversos e cabe à professora, como mediadora no processo educativo, ajudá-la a apreender novos conhecimentos.

Com relação ao controle das crianças por parte das educadoras, que sempre tentam direcionar as atividades, os movimentos, o como brincar, Iza e Mello (2009) afirmam que direcionar os movimentos das crianças, tentando aperfeiçoá-los, pode ser um trabalho perdido, por tais movimentos não terem sentidos para elas, que vão executá-los mecanicamente e, assim, dificilmente serão apreendidos. Porém não é o que presenciamos no cotidiano na creche. Em meu Diário de Campo, fiz a seguinte anotação:

No dia do parque teve uma brincadeira com boneca e água. Nesse dia, uma criança que tem transtorno do espectro autista, que fica separada das outras crianças na hora da refeição e que quando acorda continua presa ao bebê conforto, entrou na bacia de água para brincar. Imediatamente a auxiliar a retirou, chamando sua atenção, dando ordens de como teria que brincar. (Diário de Campo – Letícia Setsuco Ikenaga – Outubro/2019)

A partir dessa observação registrada no diário de campo sobre a intervenção da educadora na brincadeira da criança pode considerar, segundo Oliveira (2019), que o

impulso de controlar e direcionar as explorações da criança, limitam sua criatividade e autonomia, dificultando seu desenvolvimento.

Esta e outras situações me fizeram analisar que na creche, para o controle dos bebês e crianças pequenas, acontece a utilização de recursos de vigilância, de normas variadas, tais como as filas, que como revelado por Foucault (2019), são modos de organização que têm propósito definido:

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. (FOUCAULT, 2019 p.140)

Outra cena que presenciei, que apontou para este problema, aconteceu quando uma educadora chamou a atenção, fazendo uma repreensão muito rígida de um bebê que se desviou um pouco da fila em relação à ordenação das outras crianças, e aplicou um castigo ao bebê por esse motivo:

A sala estava enfileirada para ir ao parque, sendo necessário segurar com as duas mãos na camisa do amigo da frente, e quando uma criança saiu da fila, chegando perto do parque, a auxiliar da sala chamou a atenção da criança, não deixando ela brincar, dizendo que teria que esperar chegar no parque primeiro para depois sair da fila, e como a forma de chamar a atenção foi tão ríspida que a criança começou a chorar. (Diário de Campo – Letícia Setsuco Ikenaga – Agosto/2019)

Nas creches as possibilidades de organização das crianças são comumente feitas com a formação de fileiras para uma maior disciplinarização, como afirma Oliveira:

A disciplina, no sentido de obediência, silêncio e não-movimento, é colocada como o primeiro interesse frente a outras possibilidades de organização para saídas para fora da sala de aula, ao contrário de outros modos de deslocamento que poderiam propiciar movimentos e socializações com o espaço. (OLIVEIRA, 2019 p.29)

A formação de filas para se realizar todos os tipos de trajeto dentro da escola e para circunstâncias de espera ou organização de atividades, se constitui em situações que limitam os movimentos e a expressividade dos bebês. Existem outras maneiras de esperar pela alimentação, pela troca, de mudar de ambientes com as crianças. Como afirmam Iza e Mello (2009), as atividades de Não-Movimento a que nos referimos não significam somente a falta de movimento ou o ficar sem se mexer, mas sim, situações em que as crianças se encontram em limitação de atitudes imposta pelo tipo de atividade que as professoras propõem. Segundo Iza e Mello (2009), o aprender na criança deve

ser mais importante do que mantê-la quieta e em silêncio para ouvir. As educadoras têm a tarefa de mediar o conhecimento, e não de limitar ou restringir as atividades, em práticas mecânicas e sem sentido.

No que diz respeito à vigilância sobre os bebês, podemos considerar que a criança, segundo Oliveira (2019), vai tomando consciência de que há alguém para se obedecer, pois o/a professor/a se coloca à frente numa mesa maior, fica de pé (na maioria das vezes) enquanto os/as estudantes permanecem sentados/as. Partindo dessa concepção, fiz um registro do momento da alimentação sobre a postura da educadora ao vigiar a classe:

Na hora do lanche, o que me chamou a atenção foi a postura corporal de uma auxiliar em frente à mesa das crianças, onde estavam se alimentando. Com as duas mãos para trás, vigiando e controlando o comportamento das crianças. (Diário de Campo – Letícia Setsuco Ikenaga – Outubro/2019)

Porém, o ideal é que o momento da refeição seja vivido, segundo Guimarães e Arenari (2018), como um espaço e tempo de partilha de experiências e respeito ao ritmo dos bebês.

É importante enfatizar sobre o nosso papel como educador, de respeitar e proporcionar vivências de autonomia, expressividade e movimento corporal para que os bebês se desenvolvam da melhor maneira possível. Durante as observações de campo, pude verificar na prática as afirmações de Iza e Mello (2009):

[...] uma intensa e cansativa luta contra o Não-Movimento por parte das crianças que são ativas, ansiosas por brincar, pular, gritar, conversar, cantar, etc. A professora parece querer contê-las, tentando, na maioria das vezes, fazer com que fiquem quietas, de preferência caladas, realizando as atividades de uma única maneira, estabelecida pela professora, que perde a chance de conhecer o pensamento e a brincadeira da criança no momento em que retira o tênis com que estava brincando, impedindo-a de continuar a testar, analisar, comparar, etc., habilidades importantes para o desenvolvimento. (IZA e MELLO, 2019 p.15)

Reflito sobre o quanto a limitação e o controle dos corpos na escola vão construindo uma relação de dominação do professor sobre as crianças, como afirma Oliveira:

Na escola há tantas “regras” a serem seguidas que vão construindo essa relação de professor/a versus estudante, um que “manda” e outro que “obedece”. Todas essas regras não estão somente dentro da sala de aula, mas também no recreio, quando sempre há alguém controlando as brincadeiras ou cuidando do portão para que ninguém “fuja”. Frases como “Não corra”, “não se suje”, “Não pode repetir a merenda” vão mostrando para as crianças quem tem poder e quem não tem dentro da escola. (OLIVEIRA, 2019 p.26)

Verifiquei que a exarcebação de regras e de controle geram angústias no bebê e na criança pequena, dificultando suas possibilidades de lidarem com suas emoções e de atingirem o seu desenvolvimento integral. Durante a infância estão sendo construídas pela criança pequena formas de lidar com as emoções e a professora deve ser alguém que ajuda a criança a aprender a lidar com seus sentimentos. Se a escola não se constrói como um espaço que acolhe a criança como ela é, permitindo que ela se expresse por suas múltiplas linguagens lúdicas, se perde a oportunidade de receber o que a criança traz de si e ela apenas é obrigada a levar dali o que lhe é oferecido.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o levantamento bibliográfico e processo e resultado desta pesquisa é possível afirmar que obtive respostas no que se concerne às consequências na vida da criança do disciplinamento dos corpos dos bebês na creche.

O primeiro ponto que considero relevante abordar é sobre o desenvolvimento de atividades para os bebês que segundo Iza e Mello (2009) devem-se levar em consideração que elas são seres inteiros, não podem se limitar apenas a padrões motores preestabelecidos. Ao considerar apenas o aspecto motor, o desenvolvimento da criança pode ser limitado. O trabalho com atividades de Movimento pode ser ampliado de maneira a não desconsiderar o aspecto motor, mas também não se restringir a ele. Contudo, a concepção das práticas pedagógicas nas instituições de educação infantil segundo Prudêncio (2012) tem de se voltar mais para a criança e menos para o modelo de escolarização do ensino fundamental.

Ou seja, é importante incentivar e proporcionar o movimento corporal dos bebês na creche, em seus diversos momentos da rotina escolar. Como afirmam Iza e Mello (2009) sobre a importância de estimular a criança a deslocar-se, oferecer-lhe os objetos, instigar-lhe a curiosidade e o interesse em explorar o que o adulto lhe apresenta são exemplos de ações simples que impulsionam as aprendizagens e o desenvolvimento da criança. Relacionando a relação do corpo para os bebês como diz Guimarães e Arenari (2018) que o toque e o olhar sinalizam uma escuta com o corpo todo.

A consequência na vida da criança do disciplinamento dos corpos, segundo Iza e Mello (2009), é que a creche passa a ter o significado de um lugar onde ela deve conter-se sempre, ficar em silêncio, obedecer sem questionar e no qual suas ideias, seus gostos,

suas opiniões e reflexões não podem ser consideradas. Neste mesmo sentido, Prudêncio (2012) demonstrou que a realização de práticas pedagógicas na Educação Infantil que não se voltam à criança pequena, mas sim repetem o modelo do Ensino Fundamental configurando uma antecipação da escolarização dos pequenos, revelam uma concepção de Educação Infantil limitada que reduz as experiências, fragiliza o desenvolvimento infantil e o tempo da criança viver sua infância acaba sendo suprimido.

Portanto, trazer a discussão e a reflexão sobre o disciplinamento dos bebês na formação inicial e continuada dos professores é imprescindível já que os adultos, de acordo com Guimarães e Arenari (2018), afetam as crianças com o olhar, com a repetição de gestos, com as palavras. Ao contrário de sermos opressores das manifestações infantis, precisamos ser profissionais da educação que respeitam os bebês e as crianças pequenas nos seus “cem modos de pensar, de jogar e de falar.”...

...Cem, sempre cem  
modos de escutar  
de maravilhar e de amar.  
Cem alegrias  
para cantar e compreender.  
Cem mundos  
para descobrir.  
Cem mundos  
para inventar.  
Cem mundos  
para sonhar.

Por fim, com base nos autores estudados é possível reafirmar sobre o quanto o movimento do corpo faz parte do desenvolvimento da criança, pois o corpo expressa sentimentos, gostos e vontades, além de ser por meio dos movimentos, da exploração e do brincar, que a criança aprende sobre si mesma e sobre o mundo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M. C. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês.** 2010. Disponível em: . Acesso em: 03 de junho de 2020.
- BONDÍA, J. R. (2002). **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, (19), 20-28.
- COLE, M. (1996). **Interacting minds in a life-span perspective: a cultural historical approach to culture and cognitive development.** Em P.B. Baltes & U. M.

Staudinger (Orgs.), *Interactive minds: life-span perspectives on the social foundations of cognition*. (pp. 59-87). Cambridge: Cambridge University Press.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42.ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Madalena. **O papel do registro na formação do educador**. 2005. Disponível em: <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/8/artigo2242-1>. Acesso em 18 de junho de 2020.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. In: <http://continuandoformacao.blogspot.com.br/2011/07/observacao-registro-e-reflexao.html>. Acesso em 18 de junho de 2020.

GARANHANI, Marynelma Camargo; MORO, Vera Luiza. **A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII**. *Educ. rev.*, Curitiba, n.16, p.109-119, dez. 2000. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010440602000000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602000000200008&lng=pt&nrm=iso). acessos em 03 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.209>.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. **Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia**. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 34, e186909, 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100155&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100155&lng=pt&nrm=iso). acessos em 03 jun. 2020. Epub 19-Jul-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698186909>.

GUIRRA, Frederico Jorge Saad; PRODOCIMO, Elaine. **Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo?** *Motriz: rev. educ. fis.* (Online), Rio Claro , v. 16, n. 3, p. 708-713, Sept. 2010. Acesso em 03 de junho de 2020. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p708>.

HANK, Vera Lúcia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança**. <http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacaonodesenvolvimento-aprendizagem-.html> 2006. Acesso em 06 de junho de 2020.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. **Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil**. *Educ. rev.*, Belo Horizonte , v. 25, n. 2, p. 283-302, Aug. 2009 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010246982009000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982009000200013&lng=en&nrm=iso)>. access on 07 July 2020

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, Josiane Cristina de. **Desde as marcas que carregou fico pensando: como a escola educa, mas também fere?** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13004>

PRUDÊNCIO, Patrícia. **A precoce escolarização na educação infantil**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil - primeira Edição – Polo Chapecó, para a obtenção do Grau de Especialista em Educação Infantil. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130517>

SEABRA, Karla da Costa; MOURA, Maria Lucia Seidl de. **Alimentação no ambiente de creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê**. *Psicol. estud.*, Maringá, v.10, n.1, p.77-86, Apr. 2005. Acesso em 03 June 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100010>.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza**. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 6, n. 9, p. 1-14, jan. 2004. ISSN 1980-4512. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/9360>. Acesso em: 02 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. **Funções da creche segundo suas trabalhadoras: situando o cuidado da criança no contexto educativo**. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 25-34, June 2003. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S00862342003000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00862342003000200004&lng=en&nrm=iso). Acesso em 03 de junho 2020. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200004>.

WILES, Jamille Mateus; FERRARI, Andrea Gabriela. **Do cuidado com o bebê ao cuidado com o educador**. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 24, e213976, 2020. Acesso em 03 de junho de 2020.